



Susana Santos Silva
Impermanence

Susana Santos Silva

Impermanence

Susana Santos Silva composições, trompete

João Pedro Brandão saxofone alto, flauta

Hugo Raro piano

Torbjörn Zetterberg contrabaixo

Marcos Cavaleiro bateria

Maile Colbert vídeo em tempo real

PROGRAMA

Many Worlds

Oblivious Trees

Imaginary Life

Geringonça

No Trees Land

Resilient Beauty

Sound of Thought

CCB Cidade Aberta /

FICHA CCB
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ELÍCIO SUMMAVIELLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / LUÍSA TAVEIRA VOGAL / ACESSOR DO PRESIDENTE JOÃO CARÉ / SECRETARIADO LUÍSA INÊS FERNANDES / RICARDO CERQUEIRA

DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CUNHA LEAL / FERNANDO LUIS SAMPAIO / DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES / COORDENADORA PAULA FONSECA / PRODUÇÃO INÊS CORREIA / PATRÍCIA SILVA / HUGO CORTEZ / JOÃO LEMOS / VERA ROSA / ESTAGIARIA DE PRODUÇÃO MARTA QUEIROZ / DIREÇÃO DE CENA PEDRO RODRIGUES / PATRÍCIA COSTA / JOSÉ VALÉRIO / TÁLIA AFONSO / CATARINA SILVA / FRANCISCA RODRIGUES / SOFIA SANTOS / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES SOFIA MATOS / DEPARTAMENTO TÉCNICO COORDENADOR MÁRIO CAETANO / CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / ADJUNTO DA COORDENAÇÃO TÉCNICA PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUÍS SANTOS / RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS F. CÂNDIDO SANTOS / CESAR NUNES / JOSÉ CARLOS ALVES / HUGO CAMPOS / MÁRIO SILVA / RICARDO MELO / RUI CROCA / HUGO COCHAT / DANIEL ROSA / JOÃO MOREIRA / FÁBIO RODRIGUES / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EDUARDO NASCIMENTO / PAULO CACHIERO / NUNO RAMOS / MIGUEL NUNES / CHEFE DE MANUTENÇÃO PAULO SANTANA / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO LUÍS TEIXEIRA / VÍTOR HORTA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO TÉCNICO YOLANDA SEARA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA
TEMPORADA 2018



29 março 2018

Pequeno Auditório 21h M/6 anos

Às vezes chove muito, outras vezes não

A palavra «impermanência» não é propriamente daquelas que mais utilizamos no dia-a-dia, e talvez isso explique o poder que encerra. Quando surge como o nome de um projecto musical, sem outras justificações que não aquelas que a mais abstracta das artes, a música, possa dar, refere por si só todo um conceito. Mas não o esclarece, e por isso não se impõe como um rótulo: surge antes como um enigma dado a decifrar.

É como diz Susana Santos Silva, a trompetista e compositora do grupo Impermanence: «A minha ideia primordial foi que parte considerável da música pudesse ser mutável, que as partes improvisadas pudessem ter vida própria e, por conseguinte, fossem sempre diferentes a cada nova “viagem”. Mas a impermanência das coisas (e da música) tem um cariz ainda mais abrangente, mais vasto (e ao mesmo tempo mais microscópico e feito de pequenos detalhes), que é o de que tudo se transforma a cada momento, mesmo que muitas variantes se mantenham iguais, neste caso as composições. Uma composição soa diferentemente de cada vez que é tocada, mesmo que a partitura seja seguida tal como está escrita, e quem ouve, ouve de maneira distinta a cada nova audição. Tudo isto depende de muitos factores, alguns que controlamos e outros que estão fora do nosso controlo.»

Ou seja, a dita palavra pode estar prenha de significado, mas não é um absoluto, não é uma cartilha nem uma moldura para a acção (afinal, trata-se apenas de uma palavra), no caso musical. Pode até encerrar interiores contradições ou instabilidades de sentido: «O que há de permanente na minha música e na minha vida é, ao fim e ao cabo, essa impermanência... Mas não podemos fugir ao facto de que é impossível controlar o futuro, ou mesmo o presente, e o que descobri nos últimos anos foi que a aceitação do que a vida nos propõe, sem resistências, é a melhor forma de estarmos em paz, de vivermos

a vida por momentos, momentos que nunca se repetem e que são o único modo de a vivermos por completo. Aceitar de braços abertos quem somos, liberta-nos. Aceitar quem sou musicalmente deu também essa liberdade à minha música. Neste projecto em específico, podemos apontar aspectos que são mais permanentes do que outros, obviamente, como os próprios músicos e a vontade de fazer música que seja orgânica e se mantenha viva.» Vendo as coisas de mais longe, e situando os Impermanence no contexto da actividade de Susana Santos Silva, enquanto projecto e grupo entre vários, outras perspectivas se juntam relativamente ao carácter desta impermanência na carreira musical da portuense que agora reside em Estocolmo. A circunstância de nos últimos anos a mesma se ter virado para a música integralmente improvisada tornou o seu mais ambicioso investimento na escrita, culminando outros (como o trabalho de composição que destinava ao Susana Santos Silva Quintet), numa formulação sem maior abrangência do que a que tem. Curiosamente, esta mudança de orientação veio reposicionar a sua faceta de compositora no lugar que lhe era originalmente devido...

«Para mim sempre foi, e continua a ser, um processo difícil, o da escrita.... Precisamente por causa da tal impermanência das coisas? Ditar o que a música deve ser por mais do que um instante torna-se uma ameaça à sua liberdade. Por outro lado, aquela música nunca existiria se não fosse composta e acho que tem todo o direito de existir. Daí eu tentar arranjar um compromisso entre a escrita e a improvisação no seu sentido mais livre. Para já, tem sido quase, mas só quase, uma actividade reservada aos Impermanence. Toco algumas composições minhas em colaborações com outros músicos. Tenho vontade, mas também alguma inércia e falta de tempo, de escrever música (mais aberta, talvez, do que esta dos Impermanence) para uma nova banda que ainda só existe na minha

imaginação. Gostaria de conseguir conciliar a composição e a improvisação de tal forma orgânica que não se consiga perceber muito bem onde uma acaba e a outra começa, e vice-versa», argumenta Santos Silva. Um dos focos de interesse da música dos Impermanence está na maneira como a leitura interpretativa e a espontaneidade criativa dos membros da banda, João Pedro Brandão, Hugo Raro, Torbjörn Zetterberg e Marcos Cavaleiro, já se relaciona, e que não é propriamente a mais vulgar no contexto português: «Não me agrada a ideia de estruturas pré-formatadas e não considero que um solo tenha o objectivo concreto de mostrar as qualidades musicais ou a técnica instrumental de um músico. Um solo, como um duo, um trio ou qualquer outro tipo de formação que tenha origem numa composição deve, a meu ver, servir a música. E, para mim, um músico tem essa responsabilidade de usar as ferramentas de que dispõe para servir a música e não o seu ego.» No caso dos Impermanence, devemos até referir o que há de espírito colectivo no grupo, ou não fossem os membros portugueses do quinteto companheiros de Susana na Porta-Jazz, associação que tem desenvolvido um trabalho sem par na mobilização dos músicos de jazz do Porto em torno de mais possibilidades de concerto e de edição em disco do que normalmente teriam. Para ela há, no entanto, factores ainda mais profundos do que essa cumplicidade associativa: «Escolhi-os muito simplesmente porque são músicos que admiro e com quem tenho uma relação longa e de amizade. Mesmo que o tipo de música que fazemos possa estar um pouco distante esteticamente, sabia que a visão aberta que têm sobre o que a música pode ser e que caminhos pode tomar iria ser muito valiosa para que as minhas ideias pudessem ganhar uma maior profundidade. A música que está escrita no papel não tem vida, não é real, e só instrumentistas que se entregam completamente

e com honestidade à interpretação do que está escrito, e dão alma ao que é criado para além da escrita, podem transformar o que está no papel em música que vive por si só, ganhando assim uma dimensão mais volátil e metafísica.» Como não podia deixar de ser, a música da impermanência (e a música dos Impermanence) é feita de contrastes... «Às vezes chove muito, outras vezes não. Hoje acho a chuva fantástica e amanhã acho terrível. A mesma coisa pode ser olhada, apreendida, interpretada, sentida e até racionalizada de formas diferentes e até contrastantes, porque a nossa percepção da realidade muda a cada momento. Uso contrastes porque desejo manter a música em constante desenvolvimento, explorando todas as possibilidades desta formação de maneira a que a música seja sempre estimulante. O meu propósito foi igualmente criar mundos paralelos, *dream-like worlds*, onde muitas vezes tudo se torna meio indistinto e às portas da confusão mental, como se estivéssemos a sonhar, mas acordados ao mesmo tempo. Queria que quem ouvisse esta música saísse de um concerto em estado anestesiado, mas em simultâneo com uma consciência apurada, cristalina», adianta Susana Santos Silva. A impermanência não é somente uma alternância de estados no tecido da realidade ou da consciência, pode também ser um paradoxo de simultaneidades, de concomitâncias, uma incongruência cuja não resolução é precisamente o que determina a beleza de uma música – é esse o enigma que os Impermanence vão desmontando diante dos nossos ouvidos, para nosso prazer.

RUI EDUARDO PAES
ENSAÍSTA, CRÍTICO DE MÚSICA
O AUTOR ESCREVE SEGUNDO A ANTIGA ORTOGRAFIA



Susana Santos Silva

Trompetista, improvisadora e compositora do Porto, Susana Santos Silva tem sido, nos últimos anos, considerada pela imprensa internacional como uma das vozes mais fortes e emergentes do jazz contemporâneo e da música improvisada. Com uma abordagem singular, que surge de um abrangente espectro de influências, desde a música clássica e contemporânea ao jazz e arte textural, interessa-se por desafiar os limites do instrumento e explorar novas formas de expressão dentro da música.

Em 2010 conclui o Mestrado em Jazz Performance na Codarts, Roterdão. Na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), no Porto, obteve, em 2004, a Licenciatura em Trompete, frequentando o último ano na Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe na classe do Prof. Reinhold Friedrich e, em 2008, a Licenciatura em Trompete/Jazz.

Atualmente, lidera os seus projetos Impermanence e Life and Other Transient Storms. Outros projetos incluem duos com Torbjörn Zetterberg (também trio com Hampus Lindwall), Kaja Draksler, Jorge Queijo e os quartetos Rasengan! e Hearth. Faz ainda parte do trio LAMA, do Coreto, do projeto Torbjörn Zetterberg Och Den Stora Frågan, da Fire! Orchestra e do Mats Gustafsson Nu Ensemble. Partilhou o palco, entre muitos outros, com Evan Parker, Fred Frith, Chris Cutler, Craig Taborn, Lotte Anker, Sten Sandell, Chris Speed, Mat Maneri. Tem-se apresentado em concertos e festivais em mais de trinta países um pouco por todo o mundo.



A não perder

1 abril 2018

Grande Auditório / 16h / M/12 anos
Parceria CCB/Midas Filmes

Belém Cinema

Spartacus (1960) de Stanley Kubrick

1960 | 197 minutos | EUA

Estreia em Portugal: 12 de setembro de 1961

Um dos maiores clássicos da história de Hollywood, *Spartacus*, de Stanley Kubrick, conta a história do escravo do Império Romano (Kirk Douglas) condenado à morte por agressão a um guarda, e que é vendido a Batiatus (Peter Ustinov), escapando assim à sua sentença. Gracchus (Charles Laughton) e Crassus (Laurence Olivier) chegam a Roma acompanhados pelas esposas que pedem que lhes seja oferecido um combate até à morte entre gladiadores. Spartacus defronta Draba, um gladiador negro que o vence mas que se recusa a matá-lo. Pelo seu gesto, Draba acaba morto pelos guardas romanos. Chocado com o sucedido, Spartacus empenha-se na luta pela liberdade e pelo fim da escravatura, e acaba a liderar uma revolta dos escravos. O filme conquistou quatro Óscares e é agora exibido no Grande Auditório do CCB, na sua versão integral e em cópia digitalmente restaurada em 4K.

SIGA-NOS

www.
ccb.pt



You
Tube



TEL
1820

#ccbelem
#amigoccb



OUTROS DESCONTOS

Só aplicados a bilhetes superiores a 12€ para espetáculos com Produção CCB

- 30% Desconto Cartão Amigo CCB (Individual, Sénior, Jovem e Família)
 - 50% para bilhetes de última hora, a partir de 30 minutos antes do início do espetáculo (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira do CCB)
 - 20% para menores de 25 anos e maiores de 65 (exceto 1ª Plateia no Grande Auditório)
 - 10% para titulares do cartão FNAC (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
 - 25% para clientes da CP (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
 - 50% para desempregados (contra apresentação de comprovativo do IEFP; apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)
 - Quota limitada de bilhetes a 5€ para estudantes e profissionais de espetáculo.
- Desconto válido exclusivamente para o 2.º balcão do Grande Auditório e para Laterais no Pequeno Auditório (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira CCB)

UMA BOA IDEIA

FORMULÁRIO/INSCRIÇÃO ONLINE EM WWW.CCB.PT